

# JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1



**A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO  
FINANCEIRA: UMA PROPOSTA DE  
INTERCONEXÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**MATHEMATICAL EDUCATION AND  
FINANCIAL EDUCATION: A PROPOSAL FOR  
INTERCONNECTION IN THE SCHOOL  
CONTEXT**

**Hélio Rodrigues dos SANTOS**  
Universidade de Brasília UnB  
E-mail: 120027567@aluno.unb.br

**Hélio Simplício Rodrigues MONTEIRO**  
Universidade Federal de Goiás UFG  
E-mail: simplicio@ufg.br



**RESUMO:** O presente trabalho tem como questão central a compreensão-discussão mediante a educação matemática e a educação financeira no contexto escolar, visando contribuir nas aplicações e aquisições de competências e habilidades financeiras para com alunos e professores, em uma Escola Estadual Kalunga III, comunidade-ema no Município de Teresina de Goiás, compreendendo que as duas áreas do conhecimento têm como intuito a autonomia do sujeito mediante suas atividades cotidianas. O recorte espacial buscou ainda identificar como os professores interpretam a educação financeira nos espaços escolares e como os professores utilizam a educação financeira em seu dia a dia (consumo, gestão financeira crédito, boletos e consciência crítica), buscou se também apresentar ainda diálogo epistêmico entre a educação matemática e a educação financeira, apresentando que ambas estão interconectadas à medida que o método e a reflexão- ação caminha juntas. A pesquisa embasou-se na bibliográfica e de campo. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: entrevistas com professores e conversas informais na qual a duração da pesquisa ocorreu entre março de 2019 e janeiro de 2020. De acordo com os dados obtidos, identificou-se que os professores compreendem, utilizam e defendem a educação financeira como parte da vida e de suas tomadas de decisões. Apresentou-se ainda mediante ao trabalho que por mais que os professores em sua formação acadêmica não estudaram ou ouviram com relação a educação financeira, os mesmos apresentam domínio através de suas práticas cotidianas e vivenciais.

**Palavras-chave:** Educação Matemática. Educação. Autonomia Financeira. Ensino de Matemática. Professor de Matemática.

**ABSTRACT:** The present work has as main question the comprehension-discussion through the mathematical education and the financial education in the school context, aiming to contribute in the applications and acquisition of financial competences and skills for students and teachers, in a Kalunga III State School, community -ema in the Municipality of Teresina de Goiás, understanding that the two areas of knowledge aim at the subject's autonomy through their daily activities. The spatial approach, also sought to identify how teachers interpret financial education in school spaces and how teachers use financial education in their daily lives (consumption, financial management, credit, slips and critical awareness), also sought to present an epistemic dialogue. between mathematical education and financial education, showing that both are interconnected as the method and reflection-action go together. The research was based on bibliography and field. The instruments used for data collection were: interviews with teachers and informal

**Hélio Rodrigues dos SANTOS e Hélio Simplício Rodrigues MONTEIRO. A Educação Matemática e a Educação Financeira: Uma Proposta de Interconexão no Contexto Escolar. JNT-Facit Business And Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Fevereiro 2021 - Ed. Nº 23. Vol. 1. Págs. 56-71.**

conversations in which the duration of the research took place between March 2019 and January 2020. According to the data obtained, it was identified that teachers understand, use and defend the financial education as part of life and its decision making. It was also presented through work that no matter how much the teachers in their academic formation did not study or listen in relation to financial education, they have mastery through their daily and experiential practices.

**Keywords:** Mathematical Education. Education. Financial autonomy. Mathematics teaching. Maths teacher.

## INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil, inúmeras famílias apresentam inadimplência e problemas financeiros (CONCEIÇÃO, 2019, p. 1). Historicamente, a população brasileira sempre enfrentou altos e baixos na economia, uma das maiores referências era a inflação descontrolada, que não permitia se planejar nada em longo prazo, pois os coeficientes de valores alteravam-se singularmente (ROSSI ET. AL, 2010, p. 2).

Com as transformações sociais, efeito da globalização e da revolução digital, os acessos a compra facilitaram de forma crescente. Outra forma de destacar essas transformações foi a rápida expansão do dinheiro eletrônico: pagamentos pela internet, transferências de banco para outros bancos, aplicações e investimentos e entre outras. Estes fatores marcaram em todos os sentidos uma nova dinâmica no mercado e consequentemente na vida dos brasileiros.

Nesse sentido, surge a importância de abordar um trabalho que vise não apenas a identificar o que são investimentos, lucros ou dívidas, mas sim um trabalho que tem por finalidade de agir com inteligibilidade para que os sujeitos possam integrar autonomia e reflexão sobre os próprios gastos. É com essa visão que Alves, Rosa e Viana (2017, p. 25), ressaltam que a educação financeira possibilita que os indivíduos desenvolvam as suas atividades de responsável e cidadã, estabelecendo um entendimento amplo que auxilia nas suas tomadas de decisões intermediando em meio ao seu gasto. Assim, quando abordado no contexto escolar, a educação financeira tem como intermédio interrelacionar as experiências dos alunos com os conteúdos socioepstêmicos abordados em sala de aula.

Assim sendo, o trabalho com educação financeira nos espaços escolares busca uma das possibilidades conduzir o indivíduo a uma maior reflexão, e essa reflexão não é apenas de si, mas sim de como as suas ações, consumo e gastos interferem no meio ambiente e na sociedade capitalista.

O presente trabalho valeu-se de uma metodologia qualitativa, com referências bibliográficas e entrevistas semiestruturadas com professores. Para tecer a discussão, o presente artigo encontra-se fundamentado no primeiro tópico com a educação matemática com foco no professor que atua em sala de aula, compreendendo que é necessária uma nova forma/estratégia de construir no espaço social e escolar abordagens de matemática que interconecte as questões sociais, políticas, democráticas e culturais por meio da matemática.

O segundo tópico encontra a educação financeira como estratégia de ensino e reflexão sobre as novas interpretações da realidade, compreendendo a historicidade humana, mais sobre tudo estabelecendo uma conexão entre o dinheiro e o seu gasto consciente. E para tal a discussão o tópico metodológico com as análises de dados que buscou apontar como alguns professores compreendem a educação financeira e como ela pode agir e intervir nos espaços escolares.

## **EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

A Educação Matemática caracteriza-se por ser uma prática pedagógica que tem como diferencial a protagonização do sujeito na busca pela aquisição do conhecimento matemático. Essa modalidade vem se consolidando como prática de indagação referindo-se a forma de como se produz conhecimento de matemática atualmente. Nas palavras de Flemming (2005), a educação matemática consolida-se como prática-pedagógica de ensino que tem como finalidade a quebra de paradigmas na busca por uma maior instrumentalização no processo de aquisição da matemática, pautado na realidade e nas relações sociais que o sujeito vive cotidianamente.

Partindo dessa visão, a educação matemática contribui para aprofundar os conhecimentos e interconectar práticas geradoras que envolve a aquisição da própria forma de interrelacionar a matemática na formação humana e nas suas relações com o modo de produção de um determinado povo. Ressalta Zaidan.et.al (2010, p.01), que a educação matemática se organiza em um campo dialético de conhecimento amplo que busca a integração do ensino de matemática com a realidade, ou seja, um ensino de matemática sem repetição, baseada em uma materialidade que se conecta com os reais problemas significativos das maiorias.

Nesse sentido, Mathias e Reis (2015), entende que a Educação Matemática se configura nas verbalizações/manifestações e fenômenos ideários de conjecturas e procedimentos didáticos que busca sobre tudo compreender as manifestações pela qual se produz matemática com um itinerário voltado para o social. Assim sendo a proposta não é

apenas aguçar o conhecimento da matemática, mas se localizar criticamente no mundo através da matemática. De acordo com Boeri e Vione (2009), a matemática não pode mais ser vista como ciência abstrata, mas sim como área que tem sobre tudo o papel de desenvolver formação de pensamento e aquisição de atitudes, competências e habilidades, capacidade de se locomover socialmente e culturalmente, investigar e analisar, enfrentar situações cotidianas com uma visão ampla da própria realidade que o cerca.

Nesse sentido, a Educação Matemática busca na íntegra engajar um processo formativo/político, introduzindo-se na estruturação cognitiva de pensamentos que se materializa nas próprias relações do sujeito. Com essa percepção, Cordeiro (2015), ressalta a educação matemática como linguagem histórico-cultural, permite a integração de todos os sujeitos, entendendo que a matemática é um conhecimento social/universal-natural que em seu processo deve incluir o indivíduo.

Assim sendo, a Educação Matemática contrasta ao modo de ensino tradicional, ou seja, não cabe apenas a dedução de fórmulas, mas sim compreender os passos de como se concretiza essa abstração da observação da realidade. Com essa ótica a Educação Matemática se torna crítica em sua essência pelo fato de entender que a matemática em sua dimensão assume um papel político/social, ligado as questões reais que tenha como objetivação o aprender e fazer matemática como prática significativa, entendendo que essa aprendizagem não é para escola, e sim para a vida. Piazzini (2013) reflete que a matemática e as ciências das exatas, tem em sua essência que contribuir para a transcendência do pensar, ou seja, construir um pensamento lógico de dimensão crítica-reflexiva que ao interioriza esses pensamentos, estimulando inteligência e contribuindo para que o sujeito seja capaz de estabelecer situações de matemática que resulte em reais aprendizagens.

D'Ambrósio (1993), ressalta que a Educação Matemática promove uma contribuição na formação cidadã, uma postura política/formativa de contextualização cultural que ultrapassa o ato de contar e medir. Assim o autor compreende que há uma complexidade matemática que exige do sujeito e da atualidade um comprometimento, um exercício de reflexão por excelência, que se materializa criticamente nas tomadas de decisões do sujeito em suas atividades sociais.

Com essa inclinação, a matemática através da postura da Educação Matemática, toma partido de situações/reflexões-inflexões, onde a finalidade é alcançar a consciência por meio dos estudos de matemática, desenvolvendo e aperfeiçoando as suas tomadas de decisões. Para tal forma de prática matemática, o sujeito passa a ter uma criticidade sobre a construção da aprendizagem, cabendo a ele não apenas a receber, mas dialogar conjuntamente para estabelecer maior aprendizagem.

Freire (1996), realça que “não há docência sem discência”, enfatizando que é necessário um diálogo permanente que resulte na complexidade do ensino- aprendizagem, ou seja, a práxis discorda da percepção de que ensinar não é transferir conhecimento, ensinar é proporcionar condições epistêmicas e lógicas para que o educando possa construir aprendizagens. Nesse sentido, é muito mais fácil ensinar sem aprender do que ensinar aprendendo, pois aprender ensinando requer pesquisa, dialogicidade, reflexão, autonomia, discussão e debate.

No que tange as práticas tradicionais, ensinar sem aprender é a passividade do educando, uma forma de ensino que não estimula a protagonização do aluno. São sobre essas situações e modelos de produção de conhecimento que a Educação Matemática se opõe, entendendo que o educando é o foco principal do processo da aprendizagem, porém aprendizagem do real, da realidade e das relações cotidianas.

### **Educação Matemática no Contexto Escolar: O Professor em Foco**

A preocupação em se produzir um conhecimento matemático significativo e real na atualidade, desperta inúmeras incertezas sobre as práticas atuais desenvolvidas no processo de produção de conhecimento na disciplina de matemática. As questões ligadas ao método de ensinar matemática, constantemente estão sendo repensados, ou seja, interlaça uma disputa permanente no ensino de matemática na qual busca uma forma dialógica diferenciada para encarar a realidade e pela qual a realidade se apresenta.

Nessa observação, a área de matemática vem ganhando relevância na busca de um ensino inovador e sustentável que apresente novas didáticas que satisfaçam o processo de ensino aprendizagem em matemática. Partindo dessa temática emerge a educação matemática como proposta metodológica que tem como plenitude repensar as práticas sobre as formas de se didatizar/dinamizar a matemática nos espaços escolares.

Há de salientar que a matemática é um artefato cultural que desempenha papéis relevantes na sociedade, papéis que estão ligados ao modo de produção de cada grupo social. Assim sendo, no contexto escolar, o ensino de matemática não pode mais estar ligado apenas a resolução de problemas em sala de aula, a práxis matemática deve atender a uma demanda social que tenha como objetivo a inserção política do sujeito no entendimento matemático para as realizações das atividades diárias.

Assim sendo, a matemática passa a se apresentar não apenas como área das exatas, mas ciência humana que tem por objetivo através de sua ciência interceptar criticamente as novas vertentes das ciências. Com essa convicção, as formas pelas quais estão sendo abordadas em sala de aula, tece um novo caminho que necessita refletir o professor

conhecimento e dialogicidade para construir situações reflexivas para tal aquisição. Reforçando a temática, Boeri e Vione (2009), discute que o processo de matemática em sala de aula, não pode ser vista como transmissão e recepção, esse processo deve ser construído e mediado, estimulado e investigado, sendo ele direcionado pelos alunos, com essa discussão é que o professor em sua atuação deve nortear o trabalho.

Nesse sentido, Martins (2012) destaca que o professor tem a responsabilidade de construir situações de ensino/aprendizagem que satisfaça e estimule o educando, entendendo que o discente é um ser histórico e social, assim ao compreender a historicidade do educando em meios as suas práticas, os ensinamentos prévios passam a se materializar cognitivamente nas interpretações que o próprio educando estabelece. Logo ao ter a matemática como objeto de indagação interiorizado, o sujeito não se preocupa em aprender apenas para fins escolares, passa a aprender para as suas relações enquanto cidadão.

Vieira (2014), discute que o profissional de matemática deve estabelecer conexões para com os educandos em sua prática de ensino, buscando uma visualização da realidade daquele sujeito para que sai prática se remeta a uma facilitação da matemática, entendendo ele que a criança não é ser isolado, mas sim um sujeito de relações curiosas que em todos os sentido possibilite a pensar e agir sob uma ótica crítica.

Partindo do salientado, é de suma importância que ao se repensar as práticas, o professor seja o alvo juntamente com os educandos. Nas palavras de Alves (2011), o objetivo da educação e do professor, não deve ser apenas de ensinar coisas ou dar as respostas prontas, porque as coisas já estão postas, o objetivo da prática libertária é criar a alegria de pensar, provocar inteligência, curiosidade e espanto. Concordando com o autor, cabe ao professor construir esse caminho dialógico que resulte em uma práxis real significativa da aprendizagem.

Nessa direção, o mediador comprometido com um projeto de mundo e sociedade em meio a atualidade, necessita propor tomadas de decisões que propiciem situações motivadoras e geradoras no processo de ensino, proporcionar situações pedagógicas que determine em sua atuação a articulação do abstrato com o real, contextualizando as múltiplas situações que ao longo do tempo vai se interrelacionado na rotina do educando. Com a atuação do professor na atualidade lidando com as situações capitalistas e financeiras cabe uma maior atenção, uma vez que este ensino não se justifica apenas a deduzir porcentagens ou juros, mas a compreender onde faz parte e quais as suas aplicações no real.

## EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A sociedade atual é palco de grandes movimentos e transformações socioeconômicas/capitalistas que tem por vertente o consumismo excessivo de produtos. A crescente oferta de produtos online e as facilidades na obtenção de cartão de crédito, empréstimos, cheque especial, planos de vida e saúde, tem contribuído exponencialmente cada vez mais para o endividamento do brasileiro. Dado essa temática, a educação financeira tornou-se palco de estudo e dialogo, dentro e fora dos espaços escolares, uma vez que essa ferramenta matemática tem como engajamento repensar as atividades econômicas desenvolvidas pelo sujeito. De acordo com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Cliente (SPC), 62,6 milhões de consumidores brasileiros apresentam alguma conta em atraso em seu Cadastro de Pessoa Física (CPF).

É sobre essa ótica que a educação financeira se inclina como proposta de mudanças e inserção educativa, compreendendo que o cidadão mirim de hoje será o adulto de amanhã. Nas palavras de Olivieri (2012), a preocupação financeira deve iniciar desde a fase infantil da criança, pois quanto mais cedo a criança estabelecer compreensão e consciência com a moeda, mais fácil será obter controle da vida financeira adulta. Essa preocupação deve em suma iniciar desde quando a criança inicia o seu processo de reconhecimento da moeda, quando ela passa a compreender o que é gastar e poupar.

De acordo com Silva (2016), ao contrário do que muitos pensam, educação financeira não é somente saber quanto se gasta ou investe, trata-se de uma situação diversa que envolve finanças, mercado financeiro, pensamentos lógicos e sobre tudo a utilização do dinheiro em curto e longo prazo de forma consciente. Assim sendo a educação financeira age com uma tomada de consciência, equilíbrio de valores, regras e utilização consciente das finanças.

Nas palavras de Alves, Rosa e Viana (2017), ressalta que a educação financeira deve ser considerada um processo amplo de relações conceituais utilizados para comercializar e se locomover de forma monetária, na qual o sujeito desenvolve competências e habilidades necessárias para que se tornem cidadãos conscientes no futuro. Seguindo essa lógica, o sujeito em suas atividades passa a se alinhar nas perspectivas não errantes, mas com ação consciente no ato de consumir e gastar. De acordo com a Revista Veja (2018):

Os brasileiros entre os 30 e 39 anos são os mais negativados. Em dezembro, mais da metade da população nessa faixa etária (52%) tinha o nome inscrito em alguma lista de devedores, somando um total de 17,8 milhões. Também merece destaque o fato de que porcentagem significativa da população com idade entre 40 e 49 anos (50%) está negativada, da mesma forma que acontece com os consumidores com

idade entre 25 a 29 (44%). Entre os mais jovens, com idade de 18 a 24 anos, a proporção cai para 17% – em número absoluto, 4,1 milhões. Na população idosa, considerando-se a faixa etária entre 65 a 84 anos, a proporção é de 32%.

Partindo dessas percepções que se faz necessária a abordagem de educação financeira, assim nas indagações de Junior e Jocuske (2008, p. 3), a educação financeira é central para compreender os debates capitalistas financeiros sociais, pois o seu entendimento constrói uma postura crítica em meio a facilitação ao endividamento tão presente na vida dos brasileiros. Dessa maneira a educação financeira tem como finalidade a ação/prática consciente que permite o sujeito poupar, investir, analisar, raciocinar, planejar e agir sobriamente em relação as suas ações financeiras.

Nessa ótica a educação financeira no contexto social e escolar se faz necessária, entendendo que os desafios cotidianos não estão isolados da escola, ao contrário, eles se materializam na vida dos educandos e de seus familiares constantemente. Essa percepção denota que a escola em sua essência não deve se deslocar da gnose, mas sim ampliar o repertório do educando para a sua ação na sociedade.

### **Educação Financeira no Contexto Escolar**

A inserção da educação financeira no contexto escolar justifica-se por múltiplas razões que vão desde a infância até a inserção do educando no mundo do trabalho. De acordo com Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF, 2013), a educação financeira nos espaços escolares fundamenta-se pelos benefícios de conhecer o universo financeiro, facilitação das tomadas de decisões financeiras adequadas, fortalecimento da autonomia e pela interlocução entre a família e a comunidade financeira, permitindo assim o indivíduo adquirir uma responsabilidade financeira que servirá para a sua existência sustentável em meio a sociedade capitalista.

Por essa direção que a matemática se torna uma das ciências fundamentais para a formação do sujeito e pelo seu exercício de cidadania, tendo por finalidade o estudante de matemática a construção de si e do seu meio. Assim o papel da escola expande não apenas para as estruturas físicas, mas para as epistêmicas também. Como ressalta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) a matemática envolve múltiplas dimensões sociais e atribuições que permite uma integração no meio capital. Para tal situação os PCNs (1997, p. 29) ressalta que a matemática torna-se importante porque contribui no desempenho de atribuições e reflexões que tem por estímulo a ampliação da intelectualidade.

Neste sentido, a matemática se verbaliza nas relações dedutivas e na sua aplicação cotidiana, dedutivas pelas intercepções entre o logico, exato e científico, cotidiana porque

está na realidade, palpável e manipulável, compreendendo assim a sua finalidade enquanto ciência de competência ampla, na qual desenvolve valores necessários. Conforme os PCNs (1997) a matemática é um instrumento que permite a compreensão do mundo, assim permitir com que as crianças vivenciem essa parte da matemática se torna a mesma como parte de uma integração que gera na sua essência a participação consciente e social. Neste senti a educação financeira no contexto escolar possibilita o educando captar elementos da realidade, exerçam uma participação consciente na sociedade, compreendam o que é dinheiro e mais, consigam se auto-organizar para regularizar o seu próprio gasto.

Conforme os PCNs (1997, p. 44) “Se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se vêem confrontados no seu dia-a-dia”. Com essa visão a educação matemática e financeira, torna-se essencial, visto que os alunos serão viventes de tais condições em seu processo de vida. Assim a educação financeira nas escolas é uma forma de articular os direitos civis/sociais e políticos, ou seja, uma contribuição para a formação do aluno enquanto cidadão.

Alves, Rosa e Viana (2017, p. 28), ressaltam que a educação financeira auxilia os alunos a se tornarem cidadãos críticos e reflexivos, com plena condição de construção de aprendizagens significativas que favorece a busca por uma maior organização financeira. Assim propor didaticamente situações de estímulo ao educando, permite que ele não se desinteresse do processo que o instrumentaliza a compreender as próprias situações em que vai se estabelecer conhecimento.

## **PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

Para alcançarmos os objetivos propostos, o presente trabalho optou pela metodologia qualitativa. Nas palavras de Lakatos e Marconi (2003) a pesquisa qualitativa é o método pelo qual o pesquisador observa e analisa as contradições sociais que existe em meio à pesquisa, estabelecendo dialogo e análises de fatores que o permite um melhor entendimento do espaço.

O trabalho também contou com entrevistas, pois as entrevistas flexibilizam a análise a ponto de garantir maior liberdade ao pesquisando de se expressar e contextualizar melhor as suas percepções, pois como ressalta Silva (2015, p. 56) a entreviste funcionaliza como um conjunto de questões pensadas que flexibilizam as indagações, garantindo assim que o pesquisador obtenha informações necessárias para a realização do trabalho. Para tal discussão o presente trabalho contou ainda com a pesquisa bibliográfica, pois Lakatos e Marconi (2003) entende que a pesquisa bibliográfica é o momento de debates e análises

teóricas, construindo assim percepções entre os pros e contras.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Na compreensão de busca para uma maior aproximação dos resultados, a população pesquisada foram os alunos e professores remanescente da comunidade Kalunga- Ema. Foi pesquisado um total de quatro pessoas, sendo 4 professores que atuam entre o ensino fundamental e médio. Os entrevistados, estão concentrados em apenas um grupo de pesquisa: Grupo I: Professores (Professores das respectivas turmas, totalizando 4). Assim sendo a presente análise vai se desvelar em dois momentos de análise, o primeiro será em analisar as respostas dos professores e em seguida será as respostas dos alunos. Para melhor identificar, os professores serão marcados como (P1, P2...).

### **Análise das questões da Entrevista realizada com os professores:**

**Análise da questão 1:** Como você se sente ao gerenciar o seu próprio dinheiro? Consegue ter controle sobre todas as suas contas? Tem conseguido pagar todas as suas contas à vista? Em sua opinião é importante abordar educação financeira no contexto escolar?

A finalidade de apreensão e compreensão do que são as dívidas e gastos, é de suma importância para que o indivíduo consiga uma plenitude financeira. Pois a partir do momento que o sujeito conquista a autonomia e independência da vida financeira as suas atividades cotidianas melhor se dimensionam. Assim sendo, na busca de entender melhor na prática como se pratica e se desenvolve essa processualidades no cotidiano, algumas professoras nortearam as suas formas de se relacionar mensalmente com as suas finanças.

Tento gastar o mínimo possível procuro guardar um pouco cada mês, porque a maioria das coisas que compro pago à vista. Na minha opinião na escola deve ser de suma importância, uma vez que os alunos diariamente lhe dão com dinheiro, assim é uma temática que deve ser trabalhada na sala de aula (PROFESSORA P1).

Ao gerenciar o meu próprio dinheiro, sinto-me capaz de controlar os gastos, o meu salário, na dimensão de aplicação correta do que é para ser gasto, consigo pagar 85% das contas à vista, uma vez que trabalho com financiamento mensal, que remete a um valor de aproximadamente 15% da minha renda. Acredito que abordar em sala com exemplos reais é importante, porém não é apenas uma tarefa do professor de matemática é uma tarefa de todos os professores (PROFESSORA P2).

Sinto me livre, confortável e organizada e consigo ter controle absoluto sobre todas as minhas contas. Praticamente pago todas as minhas contas à vista, tenho preferência de conseguir pagá-las nessa modalidade.

Identifico como necessária e justa, os alunos hoje serão os adultos do amanhã, por isso vejo que com a família e a escola torna importante abordar em sala de aula (PROFESSORA P3).

Gasto de forma controlada e equilibrada, comprometendo apenas o valor que recebo mensalmente, porem utilizo cartão de credito, quando vejo que é uma boa opção que não há acréscimos na dívida e nem juros, sempre o utilizo. Em minha época escolar não aprendi com conceitos, mas na atualidade como hoje é necessário, pois as crianças lidam com dinheiro diariamente e despertar nas crianças essa consciência também é dever da escola (PROFESSORA P4).

De acordo com o mencionado, as professoras pesquisadas apresentam um padrão sobre como lidar com as finanças. Segundo o relato, as professoras apresentam controle sobre as ações financeiras e sobre suas dívidas, entendendo que é necessário um equilíbrio entre os gastos e faturamento, para que assim não ultrapassem um desequilíbrio financeiro. Mazepa e Pereira (2016), destacam que lidar com dinheiro é ter consciência moral e valorativa, repensar atitudes na intenção de conter impulsos imediatistas, ou seja, refletir mediante ao gasto para que a partir de um planejamento financeiro estruturado, a vida e o bem estar do sujeito não acarrete em um descontrole financeiro.

Quanto à percepção escolar, as professoras compreendem que a escola e os professores necessitam caminhar de mãos dadas, pois a escola não deve isolar dos problemas da sociedade, ao contrário à sua ação é fazer luta política/formativa para transformar a sociedade. Concordando com a fala das professoras, Rebello e Rocha Filho (2015, p. 309), a Educação Financeira nas escolas é uma alternativa libertadora que ultrapassa os limites da própria escola, possibilitando o educando e o profissional da educação compreender implicações sociais que contribua no processo formativo individual e coletivo. Assim não apenas a lida reflexiva com o dinheiro torna-se palco, mas o seu comportamento e o seu papel social também ganham sentido significativo para atuação e interpretação de mundo.

**Análise da questão 2:** O que você ganha por mês é o suficiente para pagar todas as suas contas? Você compromete toda a sua renda? Você pega dinheiro emprestado?

O equilíbrio financeiro se faz importante em todas as idades, por isso é sempre importante que o sujeito tenha dimensão de suas necessidades.

Acredito que o que ganho sinto que é suficiente, mas as pessoas não se estabilizam financeiramente pelo que ganha e sim pelo que gasta. Assim procuro comprometer apenas os valores abaixo da minha renda mensal, assim não necessito pegar dinheiro emprestado (PROFESSORA P3).

Em minha opinião o que faturado é de bom tamanho, claro que gostaria de ganhar mais, a minha renda em meses comprometo 70% dela e em outros meses comprometo toda, e sim pego as vezes no cheque especial porque o vejo como uma forma de pedir socorro (PROFESSORA P2).

O que ganho por mês sinto que é o suficiente, mais claro se eu pudesse querer mais eu queria. Mas me organizo para pagar minhas contas em dia e não gasto o meu dinheiro com coisas supérfluas. Não uso dinheiro emprestado de outros colegas, as vezes quando necessito vou ao cheque especial, mas utilizei apenas uma vez na minha vida (PROFESSORA P1).

De acordo com o exposto, os relatos apresentam uma tomada de consciência muito grande em relação a prática de educação financeira (gastos importantes), ou seja, mesmo que as professoras não compreendam epistemologicamente, nas suas ações e práticas cotidianas, desenvolvem de forma afincada as interpretações entre o sujeito e o capital. Destaca Correia, Lucena e Gadelha (2014, pág.03), que a consciência financeira é o primeiro passo para uma sociedade mais justa e de oportunidade a todos, pois compreender lógicas financeiras não é inerente apenas a profissionais, mas compete a todos e todas construir e exercer aplicações e utilizações impostas pelo sistema capitalista. Tais afirmações considera relevante a compreensão financeira, uma vez que o conhecimento do sistema de acumulação de capital esteja vigente, a sua operacionalização se torna significativa.

Análise da questão 3: Paga fatura mínima do cartão de crédito? Você tem um orçamento em casa que lhe permite gerenciar todas as suas contas? Em sua opinião, a partir de qual idade a pessoa deve se preocupar com a aposentadoria?

A situação econômica no Brasil, aponta inúmeras contradições sociais, e essas contradições por sua vez, implicam na economia nacional, desencadeando assim múltiplas interferências e gerando inúmeras transformações na vida dos brasileiros.

Procuro colocar os vencimentos de minhas faturas sempre 10 dias da data estipulado do meu pagamento, assim isso me permite caso os valores não saírem eu me planejar. Quando eu trato do planejamento, eu não o faço escrito passo a passo, mas me planejo de forma informal para garantir que eu não fique com pendências. Por isso acho de suma importância que o sujeito tenha essa consciência financeira, pois quando se projeta, o endividamento diminui, garantido assim um maior conforto financeiro. A previdência é algo sério, então penso que o mais cedo possível, como por exemplo a partir do momento que ingressar no seu primeiro emprego (PROFESSORA P3).

Tenho todos os meses os meus valores anotados, busco gastar conscientemente para que não me traga problemas o gasto excessivo. Não trabalho com fatura mínima do cartão de crédito, apenas com as parcelas já planejadas por mim. Quanto a previdência eu vejo que, desde ao

nascer. Pois, com as reformas da previdência, está cada vez mais difícil a aposentadoria para classes trabalhadora (PROFESSORA P4).

Primeiro vejo o que realmente preciso para poder gastar. A proposta de reforma da previdência apresentada hoje pelo governo ao congresso determina idade mínima para aposentadoria de 62 para mulheres e 65 para homens, ou seja, tempo mínimo de contribuição passa de 15 para 20 anos. Eu acredito que tudo depende dos seus objetivos de vida e, é claro da sua disponibilidade financeira (PROFESSORA P1).

De acordo com as respostas apresentadas, o que se permite compreender é que as participantes compreendem o que é a educação financeira e quais as formas de lidar com o dinheiro, visando uma maior relação entre o sujeito e a sua estabilidade capital.

Borges (2013, p. 9), destaca que é de suma importância um planejamento financeiro, uma organização maior para as tomadas de decisões, com isso a epistemologia da palavra educação financeira não se desloca da sua gênese, ela se integra a um plano prático onde a interdependência financeira contribui para maior autonomia e independência financeira.

Vieira, Kaminakura, Punhagui (2012, p. 7), destacam que não basta apenas saber o conceito, é preciso aplicação no real, construir uma vida independente que possibilite conforto financeiro. A partir de tais reflexões é importante que as tomadas de decisão tenha reflexão-ação, consciência entre gastar e comprar, pois o sujeito que contabiliza as suas tomadas de decisão, consegue em sua essência projetar-se para o futuro, ou seja conduzindo de um estado para outro, tornando o processo dinâmico e reflexivo.

68

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guardar, poupar dinheiro e conseguir pagar todos os gastos de forma efetiva se torna em muitas das vezes uma prática difícil de conciliar. Utilizar o dinheiro com sabedoria requer do sujeito uma maior interação entre o dinheiro e a forma pela qual vai se gastar ou aplicar. Existem inúmeras possibilidades de se estabelecer uma boa relação com o dinheiro, na atualidade as pessoas estão optando pela renda fixa, poupança, consórcios etc. Porém o maior problema constatado no Brasil é que a maioria das pessoas não consegue estabelecer e dominar o quanto se ganha e o quanto se gasta.

Nesse contexto que a escola deve se inserir, a questão não está apenas fora da escola, mas em uma coexistência que se materializa em ambos os espaços. Nesse sentido a escola estabelece um papel de proporcionar situações de conhecimentos e reflexão a tal ponto que os educandos tenham ciência de que a educação financeira é para a vida e não para passar na prova ou para a escola. Com isso cabe a escola e ao professor buscar

alternativas que possam interconectar o educando com a educação financeira e com as tomadas de decisões futuras.

Há de ressaltar que a matemática não é uma ciência isolada, não pode ser encarada apenas como uma disciplina em que apenas se resulte em cálculos. A matemática que aqui validamos tem um papel formativo e democrático que tem em sua proposta didática proporcionar aprendizagens do real para ser aplicadas na realidade. Nesse sentido cabe ao educador propor ferramentas que em todos os sentidos agucem os conhecimentos matemáticos. Com a realização da pesquisa, foi possível perceber que por mais que a educação financeira para muitos brasileiros ainda se torne uma concepção nova, para os tais professores referidos, a educação financeira, faz parte de suas vidas.

Com o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que os professores não estão prontos e acabados na compreensão e ação da educação financeira, pois nas suas falas expressou se que é um movimento dinâmico que todos os dias deve ser visto como forma de se conectar com a própria vida a fim de modelar os gastos. Assim ao irem se debruçando em meio à pesquisa, perceberam que a educação financeira está a serviço de tudo e todas e que o seu uso é cotidiano.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Escola Ideal- O papel do Professor**. Publicado em junho-15-2011. Disponível em< <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>>. Acesso em 05- 07-2019.

BCB. **Caderno de Educação Financeira**. Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: BCB, 2013. 72 p. Disponível também on-line texto integral: [www.bcb.gov.br](http://www.bcb.gov.br) 1. Educação financeira. 2. Economia doméstica. 3. Finanças pessoais.

BOERI, Camila Nicola. VIONE, Márcio Tadeu. **Abordagens em Educação Matemática**. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000661.pdf>>. Acesso em 01-07-2019.

BORGES, Paulo Roberto Santana. **A Influencia da Educação Financeira Pessoal nas Decisões Economicas dos Indivíduos**. VIII Encontro de Produção Científica e Tecnologia(EPCT). Disponível:<http://www.fecilcam.br/nupem/anais>. Acesso em 06/03/2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CONCEIÇÃO, Ana. **Econômico Valor Brasil: Endividamento das Famílias é o maior em 3 anos**. Publicado em 05/08/2019, São Paulo. Disponível:<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/08/05/endividamento-das-familias-e-o-maior-em-3-anos.ghtml>. Acesso em 05/03/2020.

**Hélio Rodrigues dos SANTOS e Hélio Simplício Rodrigues MONTEIRO. A Educação Matemática e a Educação Financeira: Uma Proposta de Interconexão no Contexto Escolar. JNT-Facit Business And Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Fevereiro 2021 - Ed. Nº 23. Vol. 1. Págs. 56-71.**

CONEF. **Educação financeira nas escolas**: ensino médio: livro do professor / [elaborado pelo Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF)] – Brasília: CONEF, 2013. 3 v. : il. color.

CORREIA, Thamirys de Sousa; LUCENA, Wenner Glauco Lopes; GADELHA, Kalyne Amaral di Lorenzo. **Educação Financeira como um Diferencial nas decisões de Consumo e Investimentos dos Estudantes do Curso de Ciências Contábeis na Grande João Pessoa**. Congresso UFSC de Controladoria e Finanças e Iniciação Científica em Contabilidade. 5º Congresso UFSC. Disponível: <http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso>>. Acesso em 06/03/2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática Educativa/ Paulo Freire.-São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GONCALVES, Harryson Júnio Lessa; PIRES, Célia Maria Carolino. Educação matemática na educação profissional de nível médio: análise sobre possibilidades de abordagens interdisciplinares. **Bolema**, Rio Claro , v. 28, n. 48, p. 230-254, Apr. 2014 .  
Available from  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-) Access on 04 July 2019.

JUNIOR, Haroldo Aleixo de Lima. Educação Matemática Financeira: Uma proposta de desenvolvimento com alunos do Ensino Fundamental na perspectiva ambiental. **Educação Matemática Financeira com alunos do Ensino Fundamental**. Disponível: [http://www.ufjf.br/ebapem2015/files/2015/10/gd15\\_haroldo\\_junior.pdf](http://www.ufjf.br/ebapem2015/files/2015/10/gd15_haroldo_junior.pdf). Acesso em: 06/03/2020.

JUNIOR, Olindo Possiede Junior. JOURCOSKI, Emerson. **O Ensino de Matemática Financeira**: Relato de uma experiência de aprendizagem. Disponível: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/362-4>. Acesso em 06- 07-2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica I** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MARTINS, Ricardo Lisboa. **Concepções sobre a matemática e seu ensino na perspectiva de professores que ensinam matemática em licenciaturas de Alagoas** / Ricardo Lisboa Martins. – Recife: O autor, 2012. 137 f. il.; 30 cm.

PASSOS, Marinez Meneghello. **O professor de matemática e sua formação**: análise de três décadas da produção bibliográfica em periódicos da área de educação matemática no Brasil / Marinez Meneghello Passos, 2009. 328 f.

PEREIRA, E. A Modelagem Matemática e o papel do professor de Matemática para o desenvolvimento da Criatividade. In: BRANDT, C. F., BURAK, D., and KLÜBER, T. E., orgs. **Modelagem matemática**: perspectivas, experiências, reflexões e teorizações [online]. 2nd ed. rev. and enl. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 201-212. ISBN 978-85-7798-232-5. Available from: doi: 10.7476/9788577982325.0012. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/b4zpq/epub/brandt-9788577982325.epub>.

REBELLO, Ana Paula; HARRES, João Batista Siqueira; DA ROCHA FILHO, João Bernardes. Educação Financeira: Uma Proposta Pedagógica Para Alunos Do Ensino Médio

**Hélio Rodrigues dos SANTOS e Hélio Simplício Rodrigues MONTEIRO. A Educação Matemática e a Educação Financeira: Uma Proposta de Interconexão no Contexto Escolar. JNT-Facit Business And Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Fevereiro 2021 - Ed. Nº 23. Vol. 1. Págs. 56-71.**

Politécnico. **HOLOS**, [S.l.], v. 6, p. 308-314, dez. 2015. ISSN: 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index>. Acesso em: 02-mar. 2020.

ROSSI, Pedro; HERON, Carmo do; MARÇAL, Emerson; SILBER, Davi Simão; SCHASRTSMAN, Alexandre. **Como os Governos Controlam a Inflação: Como o Brasil Chegou à Hiperinflação?** Disponível: <http://g1.globo.com/economia/inflacao-como-os-governos-controlam/platb/>. Acesso em 05/03/2020.

SILVA, Airton Marques. **Metodologia de Pesquisa**. 2ª Edição Revisada- Fortaleza- Ceará- 2015.

VEJA. **Números de Inadimplentes no Brasil sobe 4,4% em 2018**. Publicado em Jan- 15- 2019-11h56. Disponível em < <https://veja.abril.com.br/economia/numero-de-inadimplentes-no-brasil-sobe-44-em-2018/>>. Acesso em 06/07/2019.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio; KAMINAGAKURA, Marcel; PUNHAGUI, Bruno Chumentão. **Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e poupança: a contribuição das experiências práticas e família**. Disponível: [https://www.researchgate.net/publication/258860073\\_Educacao\\_Financeira\\_E\\_Dec](https://www.researchgate.net/publication/258860073_Educacao_Financeira_E_Dec). Acesso em 06/03/2020.

ZAIDAN, S.; DAVID, M.M.S.; ARAÚJO, J.L.; GOMES, M.L.M.; FONSECA, M.C.F.R.F. Educação matemática. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.